

A ANÁLISE ASPECTUAL DO *PRESENT PERFECT* E DO PRETÉRITO PERFEITO À LUZ DA TEORIA DE TRADUÇÃO DE J.C.CATFORD.

Vanessa Bezerra Maneschy
Universidade Federal do Pará
vanessamaneschy@globo.com

Resumo: Explora-se no presente trabalho a teoria de tradução proposta por J.C. Catford examinando inicialmente a sua tipologia para em seguida dar ênfase à relação entre tradução e significado. A partir da noção de *traços de situação* faz-se um estudo comparativo das línguas inglesa e portuguesa a fim de verificar a existência de traços de situação comuns entre as línguas, e analisar o traço de situação divergente, neste caso, o sistema verbal e a noção gramatical de aspecto.

Palavras-chave: tradução, traços de situação, aspecto.

Abstract: This paper explores a translation theory proposed by J. C. Catford, by first of all examining his typology in order to give subsequent emphasis to his relation between translation and meaning. Catford introduces the notion of situational marks, concept in which a comparative study of English and Portuguese will be done in order to verify the existence of common situational marks while analyzing the divergent one, in this case, the verbal system and the grammatical notion of aspect.

Keywords: translation, situational marks, aspect.

1. Considerações iniciais

A lingüística comparativa usa a tradução para fornecer critérios básicos para a comparação entre línguas. A teoria de tradução a ser adotada para o contraste entre as línguas depende de um propó-

sito específico. Das diversas teorias de tradução existentes², detemos-nos somente na proposta por J.C. Catford, por se tratar de uma teoria que enfatiza a lingüística.

Catford (1980, p. 1) assevera que “a tradução é uma operação que se realiza nas línguas”. Para ele, a “lingüística geral é uma teoria sobre como funcionam as línguas” (1980, p. 1), razão pela qual considera a lingüística um fundamento indispensável para uma teoria da tradução.

A tradução é conceituada por Catford (1980, p. 22) de maneira “intencionalmente ampla” como “a substituição de material textual numa língua fonte (LF) por material textual equivalente noutra língua meta (LM)”. O autor esclarece que a escolha lexical “material textual” é feita de modo a ressaltar que não se trata da tradução de um “texto” inteiro, mas sim de uma substituição por equivalentes da LM.

2. A tipologia da tradução proposta por Catford

Catford propõe uma classificação dos tipos de tradução quanto ao volume (plena ou parcial), ao nível de língua³ (total ou restrito), e quanto à ordem (tradução limitada à ordem e tradução não limitada à ordem).

Na dicotomia existente quanto ao volume⁴, a *tradução plena* ocorre quando “todas as partes do texto da LF se substituem por material textual da LM” (Catford, 1980, p. 23). A *tradução parcial*, freqüentemente usada em textos literários, corresponde à tradução na qual parte do material textual da LF não se traduz, na medida do possível, se transfere⁵. O próprio autor declara ser esta distinção de menor relevância por não se tratar de uma distinção lingüística.

A distinção que diz respeito aos níveis de língua presentes na tradução gera a seguinte subclassificação: *total* ou *restrita*. A *tradução total* corresponde ao que comumente se entende por “tradu-

ção”. Catford (1980, p. 24) define a *tradução total* como “substituição da gramática e do léxico da LF pela gramática e léxico equivalentes da LM, com substituição conseqüente de fonologia/grafologia da LF por fonologia – grafologia (não equivalente) da LM”. A *tradução restrita* é conceituada como “substituição de material da LF por material textual equivalente na LM em apenas um nível” (Catford, 1980, p. 24). Esta modalidade de tradução ocorre somente no nível fonológico ou no nível grafológico, assim como no nível gramatical ou lexical. A tradução fonológica é a substituição da fonologia da LF por equivalente na LM, enquanto que na tradução grafológica há a substituição da grafologia da LF por equivalente na LM. Segundo Catford (1980, p. 25.), estes procedimentos de tradução ocorrem de forma involuntária no processo de aprendizagem de língua estrangeira e são usados deliberadamente por atores que “*simulam* sotaques estrangeiros ou regionais” (grifo do autor).

Quando Catford aborda a *ordem* na tradução, ele refere-se à relação de hierarquia gramatical (ou fonológica) que determina a tradução equivalente. Durante a tradução, a equivalência muda constantemente no plano gramatical, sendo a equivalência ora de sintagma em sintagma, ora de palavra em palavra. A tradução total, no sentido anteriormente apresentado, que considera exclusivamente a ordem na hierarquia de unidades gramaticais, pode ser chamada de *tradução limitada à ordem*. A tradução mecânica é um exemplo de tradução limitada à ordem. Nesta espécie de tradução é perceptível a rígida observância à ordem de palavras e morfemas, em que a equivalência se dá nas unidades de ordem baixa. A *tradução limitada à ordem* é tida freqüentemente como “má” tradução em virtude da existência de equivalentes mal localizados no texto da LM. No entanto, o uso da desse tipo de tradução pode ser relevante no âmbito do ensino de língua estrangeira por permitir que o professor aponte diferenças entre as línguas materna e estrangeira.

A *tradução não limitada à ordem* corresponde a uma tradução total em que se observa a ocorrência de equivalências em várias escalas de ordem, ou seja, onde a equivalência ocorre tanto no

nível das palavras e morfemas como nas unidades de ordem alta como orações e frases.

Catford correlaciona, em parte, sua terminologia aos termos popularmente utilizados para diferenciar os tipos de tradução. A expressão *tradução livre*, para ele, é sempre uma *tradução não limitada à ordem*, pois “as equivalências sobem e descem na escala de ordens, mas em geral estão nas ordens mais altas, às vezes em unidades maiores que a frase” (Catford, 1980, p. 27). Na tradução *palavra por palavra*, como a própria expressão já sugere, existe uma preocupação com a ordem das palavras o que remete à mesma idéia da *tradução limitada à ordem*.

Catford posiciona num campo intermediário o que entende por *tradução literal*. Para ele, é possível iniciar uma tradução obedecendo a uma tradução palavra por palavra e, no decorrer na tradução, fazer ajustes como inserir palavras, de modo a adequar a gramática da LF para a LM, passando assim a tradução a ser realizada no nível da frase e da oração. O autor ressalta que tanto na *tradução literal* quanto na *tradução palavra por palavra* há um rigor maior na manutenção do léxico, ou seja, o equivalente lexical, a palavra, é mantido na tradução. Já qualquer adaptação lexical, como por exemplo, as utilizadas para obter o mesmo efeito de expressões idiomáticas, é característica exclusiva da *tradução livre*.

3. Tradução e significado segundo Catford

É inegável a relação existente entre significado e tradução. Catford (1980) afirma que na *tradução total* o que importa é o significado e não a forma, ressaltando inclusive a importância de se apoiar uma teoria de tradução em uma teoria de significado. Entretanto, ele rejeita os posicionamentos que avaliam a tradução como produto que apresenta o “mesmo significado” do texto original. Para Catford (1980, p. 38), o significado “é uma propriedade da língua. O texto em LF tem um significado que é da LF, e um texto

da LM tem um significado que é da LM. [...] o significado é uma rede relações de que faz parte qualquer forma lingüística: texto, item num texto, estrutura, elemento de estrutura, termo num sistema, ou que quer que seja”.

Catford estabelece em seguida uma distinção entre as relações que regem as unidades lingüísticas formais de gramática e léxico. São elas: as *relações formais* e as *relações contextuais*. As *relações formais* dizem respeito à relação de um item formal com outros em uma mesma língua. Há uma variedade de relações formais na gramática como, por exemplo, a “relação entre unidades de diferente ordem na hierarquia gramatical” (1980, p. 39), dentre outras. As relações de cunho formal entre os itens numa mesma língua constituem seu significado formal.

As *relações contextuais* dizem respeito à relação existente entre os itens gramaticais ou lexicais e os elementos lingüísticos relevantes nas situações de ocorrência da tradução. O produto dessa relação de natureza inconstante (quando houver mudança no elemento de situação, isso acarretará em mudança textual e vice versa) constitui o significado contextual.

Os significados formais e os significados contextuais raramente são os mesmos na LF e na LM. O significado contextual de um item em uma língua é o resultado do agrupamento de *traços de situações* com os quais este significado se relaciona. Este agrupamento de traços varia de língua para língua. De acordo com Catford (1980), esses *traços de situação* são as informações exigidas pela língua para a determinação da escolha de uma forma lingüística em detrimento de outra. São dados diretamente relacionados à escolha de uma dada forma gramatical ou lexical.

Com a finalidade de mostrar a diferença entre os traços de situação existentes nas línguas, Catford (id.) faz uma análise comparativa entre o inglês e o russo. Buscou-se aqui reproduzir o raciocínio empregado por este autor durante sua análise, na tentativa de apresentar um confronto entre o inglês e português avaliando a diferença entre seus traços de situação.

4 . Confronto de traços de situação existentes no inglês e no português

Catford (id.) utiliza a sentença *I've arrived* para sua análise. Segundo ele, a situação na qual ocorre este enunciado é complexa, uma vez que se pode descrevê-la considerando inúmeros critérios. Pode-se, por exemplo, descrever esta ocorrência lingüisticamente em termos do momento da fala, em termos de quem profere o enunciado, ou para quem se enuncia. Esta análise tem sua importância determinada de língua para língua. No livro, o autor utiliza o russo justamente para ilustrar que, por exemplo, características físicas do falante são determinantes para a escolha lexical do enunciado correspondente a *I've arrived*.

São poucos, no entanto, os traços de situação considerados relevantes em termos lingüísticos. No inglês, Catford (1980, p. 41) assevera que os traços de situação linguisticamente relevantes deste enunciado são:

- a) A existência de um falante (responsável pela ação) que determina a escolha de *I* ;
- b) A *chegada* do falante que motiva o uso do verbo *arrive* (em oposição a qualquer outro verbo);
- c) A ocorrência de um fato anterior;
- d) A ligação deste fato anterior com o momento da fala determinando a escolha da forma do perfeito (*have arrived*) em detrimento do não perfeito (*arrived*);
- e) O momento da fala, ou seja, a situação em curso – o presente (*have arrived*) – em oposição ao uso do passado (*had arrived*).

O equivalente da oração *I've arrived* no português seria *Eu cheguei*. Seguindo o mesmo esquema lógico utilizado por Catford para depreender os traços de situação do inglês para este enunciado, propõe-se para o enunciado *Eu cheguei* a seguinte relação de traços de situação:

- a) A existência de um falante representado pelo pronome *eu* (em função do caráter morfossintático da língua, o pronome é opcional podendo ser ocultado sem prejuízo ao sentido do enunciado – *Cheguei*);
- b) A “chegada” do falante que motiva o uso do verbo *chegar* (em oposição a qualquer outro verbo como comer, dormir, etc.);
- c) Um fato anterior ao momento da fala que determina a escolha do pretérito em detrimento, por exemplo, do futuro (*Eu chegarei*);
- d) Uma ação com natureza aspectual perfectiva. Uma ação acabada, totalmente concluída sem duração no tempo, em oposição a uma escolha que representasse, por exemplo, uma noção inconclusa (*Eu chegava*).

Adaptando o esquema de Catford (1980, p. 42) no qual se relaciona as diferenças entre os traços de situação do inglês e do russo, propõe-se abaixo uma tabela com a finalidade de demonstrar visualmente a relação de traços de situação existente entre o português e o inglês:

Inglês	Traços relevantes de situação	Português
I	← - - - - - <i>Falante</i> - - - - -	- - - - - → Eu (opcional)
	← - - - - - <i>Chegada</i> - - - - -	- - - - - →
have arrived	← - - - - - <i>Fato anterior</i> - - - - -	- - - - - → cheguei
	← - - - - - <i>Fato ligado ao presente</i>	
	Aspecto perfectivo - - - - -	- - - - - →

Esse quadro sugere a inexistência de significados idênticos entre línguas, visto que cada língua possui um conjunto diferente de elementos lingüísticos. Ao depreender os traços de situação existentes entre os enunciados, apenas três traços (que no quadro estão em itálico) são contextualmente relevantes para ambas as línguas. Assim, pode-se afirmar que *Eu cheguei* é apenas um equivalente de tradução do enunciado inglês *I've arrived*.

Após examinar os traços de situação enumerados por Catford no inglês, e tendo proposto uma relação de traços de situação presentes no enunciado em português, considera-se oportuna uma pausa na análise da teoria de Catford para uma análise mais detalhada do traço de situação não coincidente entre as línguas. Para isso, se faz necessário um breve estudo sobre o tempo verbal *present perfect* do inglês e do pretérito perfeito em português.

5. Análise do *present perfect* e do pretérito perfeito em português

Os sistemas verbais do inglês e do português comportam-se de forma semelhante em se tratando da noção gramatical de tempo⁶, pois ambos possuem “formas verbais adequadas para distinguir

três situações temporais, definidas com base no momento de fala” (Trask 2004, p. 287), situações temporais estas que se manifestam através do passado, presente e futuro.

O inglês e o português, entretanto, diferem no que tange à noção gramatical de aspecto. Segundo Trask (2004, p. 41), aspecto é “uma categoria gramatical que representa distinções na estrutura temporal do evento”. Já para Comrie (1976, p. 3) o aspecto preocupa-se com “as diferentes formas de ver a consistência temporal interna de uma situação”⁷.

A sentença *I've arrived* está no *present perfect* enquanto a sentença em português “Eu cheguei” está no pretérito perfeito. Apesar de um tempo verbal ser presente e o outro passado, respectivamente, a sentença em português é a tradução equivalente mais indicada para a original em inglês.

O *present perfect*, de acordo com Comrie (1976, p. 53), “expressa a relação entre o estado presente e uma situação passada”⁸. O pretérito perfeito posiciona a situação no eixo temporal anterior ao momento de fala, e inclui a noção suplementar de aspecto.

No inglês tanto o uso do *present perfect* como o uso do *simple past*⁹ não é determinado pelo momento em que o evento ocorreu e sim pela percepção do falante sobre o evento. Segundo Inoue apud Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999, p. 125), no inglês “o valor real do *present perfect* é idêntico ao do passado”. No português, no entanto, o uso do pretérito perfeito é restrito, apenas utilizado, conforme Silva e Koch (1999), para exprimir um processo anterior ao ato de fala.

Com isso, tomando como base para a análise as sentenças *I've arrived* e sua respectiva tradução *Eu cheguei*, pode-se observar que a principal diferença entre as sentenças não diz respeito à noção gramatical de tempo, mas sim à de aspecto.

A diferença básica entre essas formas verbais está na distinção entre os aspectos perfeito (do *present perfect*) e perfectivo (do pretérito perfeito), distinção esta que suscita questionamentos. Isso porque muitas obras acadêmicas sequer abordam as diferenças entre

os aspectos perfectivo e perfeito, enquanto outras consideram os termos “sinônimos”. A distinção entre os aspectos perfeito e perfectivo, no entanto, é de alta relevância.

O aspecto perfectivo, segundo Comrie (1976), analisa o verbo como um todo, como uma situação que não pode ser dividida em fases, ou seja, uma situação não passível de fragmentação. Comrie (1976, p. 4) estabelece a dicotomia entre os aspectos perfectivos e imperfectivos afirmando que:

o aspecto perfectivo observa a situação de fora sem necessariamente distinguir qualquer estrutura interna da situação, enquanto que o imperfectivo observa a situação de dentro e como tal, está crucialmente preocupado com a estrutura interna da situação, já que pode ser analisada para trás, para o início da situação, e ser analisada para frente, para o fim da situação, e de fato é igualmente apropriado se a situação dura pelo tempo sem início ou sem fim.¹⁰

O sistema aspectual do português é relativamente modesto, isso porque, segundo Silva e Koch (1999), priorizam-se nessa língua as noções gramaticais de tempo e modo, sendo o aspecto considerado como complementar, devido ao seu caráter secundário na morfologia do português. Somente no pretérito “manteve-se a oposição existente em Latim, entre imperfeito, aspecto inconcluso, e perfeito, aspecto conclusivo” (Silva; Koch 1999, p. 51).

Assim, no enunciado *Eu cheguei* temos um verbo cujo tempo é passado, mas de aspecto perfectivo. A *chegada* é vista como um evento completo sem qualquer subdivisão em fases temporais sucessivas.

Já o perfeito, segundo Comrie (1976, p. 52), é diferente dos demais aspectos (perfectivo, imperfectivo, habitual, contínuo, progressivo, não progressivo, incoativo) “uma vez que não informa muito a respeito da situação em si, mas relaciona um estado a uma situação precedente”¹¹. Para o autor, o perfeito indica “a relevân-

cia contínua (constante) de uma situação passada”¹² (1976, p. 56). Já de acordo com Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999, p. 115), “o sentido central do perfeito é *anterior* e é usado em relação a outro ponto no tempo”¹³ (grifo do autor).

A definição do perfeito e sua comparação com os demais aspectos ainda levam lingüistas a questionarem se de fato o perfeito pertence à categoria de aspecto. É compreensível que surja esta dúvida, afinal, enquanto os demais aspectos tratam de representar a estrutura temporal interna de uma situação, o perfeito, segundo Comrie (1976), expressa a relação entre dois pontos no tempo: um tempo referente a uma situação anterior e outro tempo referente ao estado resultante dessa situação anterior.

Comrie (1976, p. 56) classifica as “manifestações específicas do perfeito em: o *perfeito de resultado*; o *perfeito experiencial*; o *perfeito de uma situação persistente*; o *perfeito de um passado recente*”¹⁴. O autor ressalta que as línguas podem ou não apresentar essa variedade do perfeito, e atenta para o fato de que nem todas as formas que a gramática denomina como *perfeito* expressam o sentido do perfeito¹⁵.

De acordo com Comrie (1976, p. 56) no tipo “*perfeito de resultado*, um estado presente é referido como sendo resultado de uma situação passada: este é a mais clara manifestação da presente relevância de uma situação passada”¹⁶.

O *perfeito experiencial*, segundo Comrie (1976, p. 58), também encontrado na literatura como perfeito existencial ou perfeito indefinido, “indica que uma dada situação ocorreu pelo menos uma vez em algum momento no passado sendo conduzida até o presente”¹⁷.

No *perfeito de uma situação persistente* temos uma das manifestações do perfeito mais utilizadas no inglês. Trata-se da forma em que se descreve uma situação que iniciou no passado, mas continua (persiste) até o presente.

O último tipo de perfeito elencado por Comrie (1976, p. 60) é o *perfeito de um passado recente*. Segundo esta forma, “o perfeito pode ser usado nos casos em que a relevância presente da situação

passada é simplesmente uma de proximidade temporal, ou seja, quando a situação passada é bem recente”¹⁸.

O enunciado *I´ve arrived* se enquadra no tipo *perfeito de resultado*, uma vez que indica a persistência de um resultado, ou seja, implica que o sujeito (*I*) ainda está presente. O tempo verbal *present perfect*, que devido a sua denominação a princípio remete somente à idéia de presente, assume o valor de passado em razão da combinação das noções de tempo e aspecto. Assim, no enunciado *I´ve arrived*, a *chegada (arrival)* ocorreu no passado (noção de tempo), mas tem uma relevância para o presente (noção de aspecto), na qual o estado presente é resultado da situação passada, da *chegada*.

6. Conclusão

Para J. C. Catford, cada língua tem um significado que lhe é próprio. Segundo ele, as relações entre os itens lingüísticos se dão de forma diferente em cada língua de modo que jamais obteríamos significados idênticos entre as elas. Uma tarefa central para a teoria da tradução consiste então em definir as condições da equivalência da tradução, identificando os traços de situação contextualmente relevantes para as duas línguas. Catford (1980, p. 54) acredita que “o texto da LM deve poder relacionar-se com pelo menos alguns traços de situação com os quais podem relacionar-se o texto da LF”, pois segundo ele, “quanto maior o número de traços de situação comuns aos significados contextuais de ambos os textos, o da LF e o da LM, ‘melhor’ a tradução”.

É possível, portanto afirmar que a tradução mais apropriada do enunciado inglês *I´ve arrived* para o português é *Eu cheguei*¹⁹, por este enunciado ser o equivalente que mais possui traços de situação em comum com o enunciado original (a existência de um falante, uma chegada e um fato ligado ao passado).

Cada cultura convencionou o tempo de forma diferente. No inglês, é comum expressar a relevância constante de uma situação

anterior, ou seja, é comum expressar a relação entre dois pontos no tempo. Já para o português essa representação é irrelevante.

Assim, apesar de o equivalente português *Eu cheguei* divergir do enunciado *I've arrived* no que concerne à representação de tempo e ao sistema verbal, mais precisamente à noção gramatical de aspecto, a divergência é sanada uma vez que, segundo Comrie (1976), as línguas que não possuem o aspecto perfeito definido, superam essa *ausência* utilizando o tempo passado durante o processo tradutório.

Notas

1. Mestranda em Letras (Linguística). Professora substituta da UFPA.
2. Como as teorias de tradução propostas por Nida (1964), Mounin (1976).
3. Os níveis de língua “considerados abstrações de fatos lingüísticos” de acordo com Catford (1980, p. 4-5) são: as formas gramatical/lexical; formas do meio de expressão (fonologia/grafologia); as substâncias do meio de expressão (substâncias fônica/gráfica) e a situação (ou substância de situação).
4. Para Catford volume refere-se a um sentido sintagmático do texto.
5. Catford (1980, p. 47) dedica um capítulo inteiro de sua obra para tratar da transferência. Para ele, a transferência é um processo no qual o “texto da LM – ou, melhor, partes do texto da LM – tenham valores estabelecidos na LF: em outras palavras tenham significados da LF” (grifo do autor).
6. No inglês existe a distinção entre *time* e *tense*. *Time* diz respeito a um tempo real, extralingüístico, enquanto *tense* refere-se ao tempo gramatical.

7. "Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation".
8. "The present perfect expresses a relation between present state and a past situation".
9. O *simple past* segundo Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999) indica fatos e traz a noção de uma ação remota e completa.
10. "the perfective looks at the situation from the outside, without necessarily distinguishing any of the internal structure of the situation, whereas the imperfective looks at the situation from the inside, and as such is crucially concerned with the internal structure of the situation, since it can both look backwards towards the start of the situation, and look forward to the end of the situation, and indeed is equally appropriate if the situation is one that lasts through all time without beginning and without end."
11. "The perfect is rather different from these aspects, since it tells us nothing directly about the situation itself, but rather relates some state to a preceding situation".
12. "[...] the continuing relevance of a previous situation".
13. "The core meaning of the perfect is "prior", and it is used in relation to some other point in time".
14. "*Perfect of result; the experiential perfect; the perfect of persistent situation e the perfect of a recent past*".
15. Essa asserção permite concluir que nossa nomenclatura (pretérito perfeito) é errônea, uma vez que não há, de fato, no português a noção do perfeito.
16. "In the perfect of result, a present state is referred to as being the result of some past situation: this is one of the clearest manifestations of the present relevance of a past situation".
17. "The experiential perfect indicates that a given situation has held at least once during some time in the past leading up to the present".

18. “The perfect may be used where the present relevance of the past situation referred to is simply one of temporal closeness, i.e. the present situation is very recent.”

19. As tradutoras deste capítulo, apesar de apresentarem no corpo do texto (Catford 1980, p. 41) a tradução “cheguei” para seu correspondente em inglês *I’ve arrived*, sugerem, em nota de rodapé, que a frase poderia ser traduzida por “estou aqui” visto que se “conservaria o verdadeiro sentido do perfeito”. Contudo, não concordamos com a tradução proposta. Algumas razões fundamentam nosso posicionamento. Primeiramente, segundo o próprio Catford (1980), “a descoberta de equivalentes textuais baseia-se no conhecimento de um informante ou tradutor bilíngüe competente” (p. 29). Qualquer falante competente nas línguas inglesa e portuguesa, ao deparar-se com a estrutura *I’ve arrived*, sendo leigo e não detendo nenhum conhecimento lingüístico acadêmico, traduziria esta imediatamente como (eu) cheguei uma vez que “o investigador age como seu próprio informante e descobre ‘intuitivamente’ equivalente textual, isto é, vale-se da sua própria experiência [...]”. Abordando agora a questão por um foco lingüístico, mostrou-se neste trabalho que, segundo Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), a principal noção veiculada pelo tempo verbal inglês “*present perfect*” é a de anterioridade, mas que associada à noção do aspecto (perfeito), relaciona o fato passado ao presente. Ao propor como tradução “estou aqui” as autoras privilegiam o aspecto perfeito que, de acordo com que fora exposto no trabalho, não se apresenta na língua portuguesa. Por fim, o argumento mais consistente para respaldar o nosso desacordo com a sugestão das tradutoras consiste na proposta fundamental deste trabalho: a busca da equivalência através da apreensão de traços de situação comuns entre as línguas. Ao optar por (eu) *cheguei* como equivalente de tradução da frase *I’ve arrived* relacionou-se três traços de situação relevantes para ambas as línguas. O mesmo não acontece com a frase “estou aqui” que apresenta o falante “eu” como único traço de situação coincidente com a frase inglesa (não há a chegada do falante, não se expressa idéia de fato anterior, não se expressa também a noção de perfeito como sugerem as autoras visto que, conforme Comrie (1976), esta modalidade de aspecto relaciona obrigatoriamente dois pontos no tempo). Assim sendo, retoma-se Catford quando afirma que a melhor tradução é aquela em que as línguas possuem o maior número de traços de situação em comum.

Bibliografia

CATFORD, J. C. *Uma Teoria lingüística da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1980. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

CELCE-MURCIA, M; LARSEN-FREEMAN, D. *The Grammar book*. Belmont, CA: Heinle & Heinle, 1999.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

MOUNIN, G. *Linguistique et Traduction*. Bruxelles: Dessart & Mardaga, 1976.

NIDA, E. A. *Toward a science of translating*. Leiden, Netherlands: E.J. Brill, 1964.

SILVA, M. C; KOCH, I. V. *Lingüística Aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo: Cortez, 1999.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

WEISSHEIMER, J. The Acquisition of the present perfect aspect in English: an exploratory study. In: SARMENTO, S; MÜLLER, V. *O Ensino de inglês como língua estrangeira: estudo e reflexões*. São Paulo: APIRS, 2004.